

Ano da Misericórdia



Faça isso e viverá. Lc. 10,28

1. Pensando a misericórdia.

Este ano de 2016 tem sido muito comentado por ser o Ano da Misericórdia. Expressão que tem sido muito repetida por todas as pessoas, sem nos perguntarmos sobre o que é, o que significa e quais as suas consequências e obrigações.

Numa simples pesquisa em “significados.com.br”, já identificamos importantes conteúdos sobre o tema.

“Misericórdia é um sentimento de compaixão, despertado pela desgraça ou pela miséria alheia”. A expressão misericórdia tem origem latina, é formada pela junção de miserere (ter compaixão), e cordis (coração). "Ter compaixão do coração" significa ter capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos de alguém, ser solidário com as pessoas.

Misericórdia! É uma exclamação usada quando nos deparamos com uma situação de desespero, de sofrimento. É também um grito de quem pede compaixão.

“Conceder misericórdia a alguém é perdôá-la pelo simples ato de bondade, apesar do outro não merecer o perdão”.

De imediato, podemos perceber que a misericórdia pode ser uma atitude que se faz presente no coração de todo e qualquer ser humano capaz de sentir o que acontece na vida do seu semelhante. Também chama a nossa atenção que a misericórdia, nessa perspectiva, é um atributo exclusivo de Deus: trata-se do seu coração que se compadece da nossa miséria. É o amor de Deus que se move em si mesmo e toma a direção do ser humano em suas fragilidades.

Esse agir de Deus não depende do nosso agir ou do nosso mérito. Se assim o fosse, jamais alcançaríamos esse dom. Não o amamos primeiro, pois Ele toma sempre a iniciativa por primeiro. Deus que vem ao encontro do ser humano a ponto de se tornar semelhante a nós em tudo menos no pecado. A encanação do verbo é o ponto ápice da misericórdia: Deus arma a tenda entre nós, torna-se eternamente aliado e próximo. Assim, para pensar a misericórdia, devemos reelaborar tudo aquilo que pensamos a respeito de Deus. Como vamos compreender a misericórdia quando imaginamos um

Deus que castiga, se vinga, e pune? Como pensar a misericórdia quando justificamos e até consolamos as vítimas da injustiça, assegurando que aquele sofrimento é a vontade de Dele, e, que devemos sofrer com paciência?

Como falar de misericórdia quando responsabilizamos a Deus por todos os malefícios pessoais e comunitários? Se Deus é misericórdia, porque acontece tudo isso? Deus é um indiferente?

A visão que ainda persiste sobre Deus é desastrosa; seu nome é usado para enganar os outros, para matar, para promover as guerras, para explorar financeiramente as pessoas em suas necessidades e fragilidades. Naquele famoso dia 17 de abril deste ano de 2016, nos recordamos como o nome de Deus foi blasfemado pelos nossos deputados. O nome de Deus foi jogado no lamaçal daquele espaço onde não se tem hoje confiança, só para exemplificar.

Muito do que se diz sobre Deus é tudo aquilo que ele não é pelo fato de não se falar do Deus da misericórdia e da revelação.

2. A misericórdia é o agir de Deus

Na verdade, a misericórdia é o agir de Deus diante de todas as situações de sofrimento do seu povo. Ao contrário de um Deus ausente, indiferente, Deus é aquele que está tão imanente, quanto transcendente, capaz de ver, ouvir, descer, libertar seu povo da escravidão do Egito (libertação não só espiritual, mas, por primeiro, social, política e humana): a grande luta é convencer o povo a deixar as garras e a opressão do Faraó, conforme relato do livro do Êxodo, mesmo com saudade das panelas de carne.

7.O SENHOR Ihe disse: “Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. 8.Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel: para a região dos cananeus e dos heteus, dos amorreus e dos fereseus, dos heveus e dos jebuseus. 9.O grito de aflição dos israelitas chegou até mim. Eu vi a opressão que os egípcios fazem pesar sobre eles. Êxodo 3,7-12 .

Deus é aquele que vê, ouve, percebe, sente, desce para agir e exercer a sua misericórdia.

No acompanhamento do seu povo, Deus é o grande aliado da causa do seu povo escravizado e explorado; Ele é o aliado do pobre, do órfão e da viúva.

Entre tantos textos, temos o profeta Zacarias capítulo 7, 9: «Assim diz Javé dos exércitos: Façam julgamento verdadeiro, e cada qual trate com amor e compaixão o seu irmão. 10 Não oprimam a viúva e o órfão, o estrangeiro e o pobre; e ninguém fique, em seu coração, tramando o mal contra o seu irmão». 11 Eles, porém, não quiseram prestar atenção, deram-me as costas e endureceram os ouvidos para não ouvir”.

Assim, a misericórdia de Deus não é um sentimento vazio, sem movimento e sem ação. A parábola do Pai Misericordioso, chamada erroneamente de “Parábola do Filho Pródigo”, por ter o pecado como ponto de partida, revela esse olhar de Deus seguido da ação a favor da vida dos dois filhos, sem exclusões, apesar do pecado de ambos, mesmo que seja visto como pecador apenas aquele que saiu e gastou o que possuía. O mais velho mesmo sem sair, também se manteve distante de Deus e do seu irmão, rejeitando a possibilidade da comunhão, da alegria e da vida fraterna. Tendo sido

tomado pela inveja e o ciúme, fechou-se em seu egoísmo. O Pai é aquele que está atento só ao que se afastou, mas aos dois filhos.

Cada ser humano assume esses dois filhos em suas atitudes: Ora um, ora outro. Somos totalmente livres e Deus não intervém nas nossas opções, por mais errados que andemos; o pai nos acolhe quando nos voltamos para Ele, sem cobrar do nosso passado, sem recriminar, sem humilhar, sem nos torturar, simplesmente nos acolhe pelo fato de sermos maiores que nossas delinquências; acolhe-nos com festa. A festa que sempre foi o símbolo da alegria, da comunhão; a refeição como sinal da vida.

Assim é a misericórdia de Deus: algo visível, que se manifesta no desejo de acolher e de salvar. A alegria no céu é maior por um só que volta à casa do Pai do que por 99 que se consideram justos e santos. Lucas, 15,7. Imaginemos na parábola a alegria de quem encontra uma moeda perdida que aparentemente pode ser insignificante. A alegria de Deus é infinita por se tratar do resgate do ser humano que é sua imagem e sua semelhança. Lucas 15.

A misericórdia de Deus na nossa vida deve ser a experiência de alguém que se sente incompreendido, desvalorizado e desprezado pelos demais, mas inteiramente acolhido por Deus, percebendo esse movimento constante de Deus ao nosso encontro. A alegria deve ser uma atitude muito mais nossa do que do próprio Deus.

3. Misericórdia e perdão.

O perdão é um dos grandes desafios da vida cristã por se tratar de uma atitude interminável, isto é, para a vida toda. Não se trata de algo para sete vezes. A questão está colocada no sermão da comunidade para lembrar que a igreja não existe sem perdoar, Mateus 18,21, por ser um atributo de Deus. O papa Francisco sempre recorda que Deus não se cansa de perdoar. Naturalmente quando se trata de um coração sincero que busca. Como diz o salmo 50, “Deus não despreza um coração arrependido”, como a situação do filho da parábola que reconheceu a casa do pai como o melhor lugar; até como empregado ele se mantinha numa posição confortável, pois na casa do pai todos são tratados de forma igualitária: como filhos e filhas.

Neste ano da misericórdia, o perdão, portanto, é o grande desafio para as nossas comunidades que rezam, celebram, e até choram em nossas adorações, mas, muitas vezes não conseguem realizar trabalhos juntas. É que as nossas vaidades são maiores que a mensagem do amor.

Os problemas de nossas paróquias e grupos são maiores do que imaginamos. As ideologias pessoais também se sobrepõem dentro dos próprios grupos. É impossível uma “igreja em saída” diante da realidade ainda reinante. Não se consegue trabalhar uma pastoral articulada com outras porque as pessoas não se perdoam e não se reconciliam. As diferenças pessoais se tornam obstáculos. As diferenças alimentam e constroem as indiferenças. Motivo: o evangelho não atingiu o nosso coração. Com esta mentalidade, não se alcança a misericórdia.

Vale salientar que somos educados para a vingança e a violência. Já em casa, filhos crescem e vivem a experiência da vingança e do castigo, não do perdão e da compreensão. Assim, fica no nosso universo que não se deve perdoar a quem erra, mas castigar, punir e tratar com violência. O consenso é imensamente grande sobre a violência com a motivação dos meios de comunicação.

Por quais motivos não existe uma relação de confiança entre as pessoas nas famílias e nas nossas instituições e organizações?

Porque as relações não se baseiam no princípio da fraternidade, do respeito, da escuta, do amor, mas no princípio do autoritarismo e da punição e não na perspectiva do perdão e da misericórdia. Quem está diante da autoridade, sabendo que será tratado com represália e desprezo, jamais se terá uma relação de abertura e de confiança.

Perdoar não é esquecer os acontecimentos, mas lembra-los sem sentimentos que causam sofrimento. Enquanto fico voltando ao passado com o coração ressentido, não celebro verdadeiramente o perdão. Se a misericórdia de Deus levasse em conta o nosso passado e as nossas quedas, nunca ele seria misericordioso, pois colocaria sempre em dúvida o nosso agir.

O perdão acontece quando é possível a reconciliação, o encontro. Ofensor e ofendido precisam fazer um processo onde um não será mais uma ameaça para o outro. Só assim se celebra a misericórdia, só assim nos tornamos também instrumentos da misericórdia.

No rigorismo da lei e dos princípios, todos estarão excluídos do processo da vida. Só quem se reconhece frágil é capaz de compreender a fragilidade da outra pessoa para ser paciente e ter misericórdia.

Quem recebe o perdão de Deus Misericordioso e não se torna instrumento da mesma realidade, pode perder o perdão recebido, assim nos apresenta a parábola.

4. Misericórdia e compromisso cristão.

Por outro lado, podemos cair em outro extremo, pensando que podemos fazer tudo, porque a misericórdia de Deus é imensa; ela cobre uma multidão de pecados. Isso é verdade, desde que sejamos também corresponsáveis com Deus e com a sua bondade. A misericórdia, a verdade e a justiça caminham juntas. Necessariamente, devemos buscar a verdade, combater a injustiça para obtermos a misericórdia.

Também não podemos nos esquecer que, aquilo que Deus é para nós, Ele também pede de nós. Lucas 6, 36. Não se trata de palavras, pois nas bem-aventuranças está dito: Bem aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia. Mateus 5,7. Fica muito evidente que a misericórdia é um movimento de iniciativa do próprio Deus, mas que também nos compromete, que nos torna agentes ativos que acolhem a iniciativa de Deus e se tornam ao mesmo tempo instrumentos de misericórdia.

Não podemos nos esquecer de que a nossa preocupação seja apenas com celebrações intimistas nos lugares de romarias e passagens pelas portas santas de nossos tempos. Isso já se faz com frequência e, podemos fazê-lo mais uma vez, sem que essa prática transforme a nossa vida e as nossas relações.

Na conhecida parábola do Bom Samaritano, contada para responder a uma pergunta: “quem é o meu próximo?”, Jesus descreve um processo, no qual, o meu próximo não é aquele que, necessariamente, convive comigo e com o qual temos uma boa amizade, pratica muito recorrente nos nossos grupos de igreja: só vou com meu amigo, a minha colega. Nossa relação é por afinidade. Depois de descrever a trajetória do samaritano no socorro ao judeu fica evidentemente claro que só existe compaixão quando existe comprometimento com a situação da outra pessoa.

Em Lucas 10,33-36 podemos encontrar este relato a respeito das atitudes do samaritano para com o judeu:

“Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e teve compaixão.”.

Costumamos dizer que quando o olho não vê o coração não sente. Também se costuma dizer: “não estou vendo nada; faço de conta que não vi”.

“34 Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas”.

Recordo-me da sinfonia dos dois mundos apresentada por Dom Helder Câmara. São os mundos que não se aproximam. Também fazemos parte e colaboramos, dependendo da situação, dessa realidade. Entre esses mundos segregados está o mundo das prisões. Não se aproximar é uma boa desculpa para não agir.

“Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele”.

A compaixão está muito relacionada com ter pena: um sentimento que não leva a consequências.

“No dia seguinte, pegou duas moedas de prata, e as entregou ao dono da pensão, recomendando: ‘Tome conta dele’. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais”.

A verdadeira compaixão ou misericórdia fazem com que nos comprometamos. Existem situações que precisam ser acompanhadas, monitoradas como se faz na missão na pastoral carcerária. A caridade normalmente compreendida com dar algo, aqui é antecedida dos cuidados e da proteção do que estava ferido.

"Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?"

O samaritano VIU e teve compaixão; se APROXIMOU; CUIDOU das feridas; o CONDUZIU consigo; PAGOU a hospedagem; se COMPROMETEU em assumir outras despesas. Mais uma vez é um fora da lei e da religião que vive as atitudes evangélicas, a exemplo do centurião. Lucas 7,1-10. O próximo é aquela pessoa da qual eu me aproximo de forma misericordiosa, para socorrê-la em sua necessidade.

Quando o papa Francisco nos fala da cultura do encontro, não podemos nos esquecer dessa perspectiva do encontro com Deus presente nas necessidades humanas, na carne humana, onde acontece o mistério da Paixão e da Ressurreição.

Jesus é verdadeiro Samaritano; de fato, só ele, como ninguém, se aproximou da humanidade ferida fisicamente, socialmente, espiritualmente; só ele, de fato, pode limpar e curar as feridas; só ele pode nos levar consigo para a hospedaria. Certamente por isso Jesus afirmou: “na casa de meu Pai há muitas moradas”. João 14,1. Deus, o Pai, na sua infinita misericórdia, enviou seu Filho para habitar e cuidar de todos os seres humanos.

5. As obras de misericórdia

Pela prática das obras de misericórdia nós podemos nos assemelhar ao bom samaritano. Estas obras talvez “andaram” meio que esquecidas, mas neste ano, foram suscitadas pelo papa Francisco. Elas são 14 maneiras para trabalharmos a nossa vida cristã e estão divididas em dois blocos. São chamadas temporais e espirituais. Elas na verdade, não se separam. A vida cristã não separa a fé e a ação. A fé se manifesta

pelas ações, pelo testemunho de vida. São Tiago se pergunta se alguém se salva pela fé sem as boas ações. Tiago 2,20.

Só para efeito de compreensão, como nos são apresentadas, seguem as obras de misericórdia.

· Sete obras se referem a ações temporais:

Dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, assistir aos enfermos, vestir os presos e enterrar os mortos.

· Outras sete obras se referem a ações espirituais:

Dar bom conselho, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram; consolar os tristes, perdoar as injúrias, sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo, e rogar a Deus por todos os necessitados, tanto vivos quanto mortos.

A respeito destas obras chamadas de corporais, o que está em jogo é a nossa capacidade de amar ao nosso próximo. Estamos habituados a pensar que a vida cristã é algo meramente espiritual e ligado ao culto numa igreja cada vez mais voltada para si mesma.

Esse modelo ainda persiste. Existem pessoas que jamais se preocupariam com essas obras; asseguram que isso não é papel da igreja se preocupar com necessidades materiais. Muitas vezes nas homilias só escutamos falar do pão espiritual, quando Jesus esteve sempre preocupado com as reais necessidades do povo. Não é por acaso que a chamada multiplicação dos pães aparece em Mateus 14,13; Marcos 6,30; Lucas 9,10-17; João 6,1-14. Assim, podemos imaginá-la como preocupação central na vida de Jesus e das primeiras comunidades, recordando ainda a preocupação do apóstolo Paulo sobre a Ceia Eucarística sem o compromisso fraterno. 1 cor 11,17.

Cuidar de quem tem fome, sede, está nu, não tem moradia, quem está na prisão. Como deixar de lado essa realidade?

Cresce o número daqueles que estão nas prisões e dos que estão como moradores de rua. Como podemos viver a vida cristã sem compaixão com a carne sofredora de Cristo?

As obras chamadas espirituais também não estão desligadas dos desafios da vida e precisam estar integradas na prática e na dinâmica da caridade. Não podemos ou não devemos realizar umas obras sem as outras. A evangelização cristã precisa ser vivenciada levando-se em conta essas duas dimensões.

Consolar de forma correta os que estão tristes; ter a paciência com os que erram, uma vez que todos nós erramos no dia a dia. Todo ser humano precisa sempre reorientar a sua vida e cada pessoa precisa ser ajudada no seu processo de discernimento. O grave problema é que quando vamos corrigir o outro, o fazemos de forma errada e a situação fica mais grave.

6. A misericórdia se destina a toda humanidade.

Deus é misericórdia para todos e não apenas para o povo católico como se imaginava na cultura judaica. Em Jesus, o muro que separava judeus e pagãos foi abolido. Jesus constitui um só povo. Gálatas 2,28. A influência do dualismo grego ainda hoje marca profundamente o nosso agir e desvirtua por demais a vida cristã. Continuamos a dividir bem e mal; coisas de Deus e coisas do mundo; estamos esquecidos de que o joio convive com o trigo e a colheita será salva. Mateus. 13.24-30, 36-43.

Assim, a celebração deste ano da misericórdia deve atingir a todas as pessoas independentemente da situação em que se encontrem.

O dia 6 de novembro será o jubileu da pessoa encarcerada, celebrado pelo papa Francisco na Basílica de São Pedro em Roma. Será celebrado e lembrado também no mundo inteiro, mesmo que em cada comunidade se celebre com as pessoas em privação de liberdade.

A respeito das pessoas detidas o papa traz o seguinte pensamento: “O meu pensamento se dirige também aos encarcerados, que experimentam a limitação da sua liberdade. O jubileu constituiu sempre a oportunidade de uma grande anistia, destinada a envolver muitas pessoas que, mesmo merecedoras de punição, todavia tomaram consciência da injustiça perpetrada e desejam sinceramente inserir-se de novo na sociedade, oferecendo o seu contributo honesto. A todos eles chegue concretamente a misericórdia do Pai que quer estar próximo de quem mais necessita do seu perdão. Nas capelas dos cárceres, poderão obter a indulgência, e todas as vezes que passarem pela porta da sua cela, dirigindo o pensamento e a oração ao Pai, que esse gesto signifique para eles a passagem pela Porta Santa, porque a misericórdia de Deus, capaz de mudar os corações, consegue também transformar as grades em experiência de liberdade”. Site Canção Nova.

Podemos ver nesse pensamento do papa que a porta santa não se limita aos lugares já estabelecidos, mas que a própria cela se torne esse espaço onde se celebra a misericórdia de Deus.

A porta é Cristo por onde toda pessoa humana deve passar; quem por ele passa abre a porta do seu coração para que a outra pessoa encontre espaço.

Não podemos nos esquecer de que o nosso coração enquanto pessoas, como também as nossas instituições, por vezes, estamos de coração encarcerado para a realidade das pessoas reclusas desde que essa realidade não atinja a nossa pele, o nosso sangue.

Os animais de estimação são muitas vezes mais bem cuidados do que uma criança e muito mais ainda quando se trata de um humano crucificado pela pobreza e na prisão.

Para essas pessoas, numa sociedade “cristã” se deseja o que de pior existe para a nossa própria carne: se deseja a pena de morte e todo tipo de crueldade que não se aplica a nenhum dos animais, por ser crime. No entanto, se aplica ao ser humano, com o aval de quem administra e tem responsabilidade sobre pessoas encarceradas (executivo e judiciário). Nunca vi uma determinação expressa de uma autoridade desses poderes proibindo práticas de tortura.

Talvez pareça muito estranho a alguém, mas a misericórdia de Deus é para os que estão nas prisões, sim. A primeira salvação explícita aconteceu quando Jesus salvou o seu companheiro de prisão o chamado “Bom Ladrão”; nós condenamos o crime com quem o pratica, mas Deus abomina o pecado salvando o pecador.

Também todos nós só alcançaremos misericórdia se formos misericordiosos com os que estão nas prisões; não temos com anular a página do evangelho de Mateus 25, onde Jesus se identifica com as pessoas em privação de liberdade. Ele passa a ser a pessoa presa, e, ao mesmo tempo doente, faminta, sedenta, ferida, estrangeira, nua. Seremos atingidos pela misericórdia do Pai pelo grau de nossa compaixão com Jesus encarcerado. Venham para o reino eterno, porque eu estava na prisão e vocês cuidaram de mim. A lógica é de fácil compreensão e de difícil vivência: Tudo aquilo que fizermos aos outros seja para promover vidas ou destruí-las, é a Jesus que estamos fazendo.

Aqui o critério salvífico não está vinculado a nenhuma prática religiosa, mas ao critério da caridade praticada para com aquela pessoa da qual eu me aproximo para servir. Ninguém diante do convite tinha a consciência de ter servido ou não ao próprio Jesus. “Senhor quando foi.....”?

Aqui está um imenso desafio para todo o povo cristão para que a sua religião se resuma a uma devoção descomprometida e a um conjunto de doutrinas frias e rígidas e desprovidas da caridade capaz de salvar a humanidade.

Quando vamos compreender e aceitar que a pessoa humana, presa continua sendo imagem e semelhança de um Deus desfigurado? Quando vamos compreender que Deus será misericordioso no exercício da misericórdia?

Os que são mais pecadores são os mais dignos da misericórdia, pois o Mestre não veio para os bons, mas para os pecadores. Lucas 5,32.

Nenhum ser humano está excluído da misericórdia a não ser que se auto exclua por iniciativa própria.

Na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário Da Misericórdia (**Misericordiae Vultus**), Jesus o Rosto da Misericórdia, o papa Francisco lembra as palavras de São João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II:

“Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade”. Ao que parece, essa expressão ao longo dos últimos 50 anos pós-conciliar ficou escondida no rigorismo de nossas práticas pastorais.

A misericórdia, portanto, deve ser aquela atitude que deve se fazer presente a cada instante do dia a dia de nossa vida que quando lidamos com todas as situações simples ou complexas, não pode esquecê-la.

Pe João Bosco Francisco do Nascimento

pebosco@gmail.com

14/06/2016